

# UM RITUAL DE UNGIR E ENTERRAR DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA, DESCOBERTO EM STA. MARIA DE SALZEDAS. PERCURSOS POSSÍVEIS DE UM MANUSCRITO ILUMINADO

CATARINA FERNANDES BARREIRA\*  
LUÍS MIGUEL RÊPAS\*\*

**Resumo:** Este artigo resulta da investigação recentemente desenvolvida em torno de um códice que terá pertencido à abadia de Sta. Maria de Salzedas. O manuscrito iluminado, produzido nos finais do séc. XV ou inícios da centúria seguinte, reveste-se de um enorme interesse litúrgico por conter o ritual de profissão dos monges, bem como os rituais para ungir os enfermos e enterrar os monges, entre outros. O seu vínculo à abadia de Alcobaça e o seu percurso até Sta. Maria de Salzedas, a par da sua utilização em contextos monásticos femininos, documentam e enfatizam a importância da circulação de manuscritos entre abadias cistercienses.

**Palavras-chave:** Liturgia; Manuscrito iluminado; Circulação; Alcobaça.

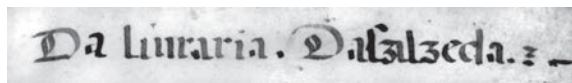
**Abstract:** This paper is the result of research recently developed around a codex belonging to the abbey of Sta. Maria de Salzedas. This illuminated manuscript, produced at the end of the fifteenth century or the beginning of the following century, is of great liturgical interest because it contains the profession of monks and rituals to anoint the sick and bury the monks, among others. Besides its use in a female monastic context, this codex documents and indeed emphasises the importance of manuscript circulation among Cistercian abbeys, through connections to the abbey of Alcobaça and ultimately its migration to Sta. Maria de Salzedas.

**Keywords:** Liturgy; Illuminated manuscript, Circulation; Alcobaça.

---

\* UNL/ IEM/ FCSH. fernandesbarreira@gmail.com.

\*\* UNL/ IEM/ FCSH/ CHSC-FLUC. lrepas@gmail.com.



**Fig. 1.**  
 Detalhe do fólio de guarda (*Ritual*, de finais do séc. XV/inícios do séc. XVI, Paróquia de Salzedas).  
 Fotografia de Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas



**Fig. 2.**  
 Detalhe do fólio de guarda, com o ex-libris de António Capucho (*Ritual*, de finais do séc. XV/inícios do séc. XVI, Paróquia de Salzedas).  
 Fotografia de Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas

## 1. PERCURSOS DE UM MANUSCRITO: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA RECENTE

O artigo que apresentamos resulta da investigação que temos vindo a realizar em torno de um manuscrito litúrgico que terá pertencido à abadia de Sta. Maria de Salzedas e que, neste momento, se conserva na igreja de Salzedas, à guarda do pároco local. Trata-se de um antigo códice iluminado, produzido nos finais do séc. XV ou inícios do séc. XVI, que se encontrava inédito, uma vez que não integra qualquer inventário e que era, até há bem pouco tempo, desconhecido dos meios académicos.

Na abertura do códice regista-se a anotação “Da liuraria. Da Salzedas” (fl. 1) (Fig. 1), daí se depreendendo que, a dada altura, o mesmo terá pertencido à abadia de Sta. Maria de Salzedas (c. Tarouca, d. Viseu), uma casa monástica habitada por monges cistercienses, cuja fundação remonta ao séc. XII, associada a D. Teresa Afonso, viúva de D. Egas Moniz.

No entanto, é provável que este antigo manuscrito tenha sido alienado no segundo quartel do séc. XIX, por altura da extinção das ordens religiosas, uma vez que passou para as mãos de particulares. Do seu percurso recente, pelo ex-libris apostado nas guardas de papel (Fig. 2), percebe-se que integrava a coleção particular de António Emídio Ferreira de Mesquita da Silva Capucho (1918 – 2009)<sup>1</sup>. Sabemos ainda que, após a morte do seu proprietário, haveria de ser levado a leilão, juntamente com a sua restante biblioteca. Aparecia mencionado no catálogo do

<sup>1</sup> Sobre o colecionador António Capucho, leia-se o pequeno «ensaio biográfico» escrito por uma das suas filhas, Luísa D’Orey Arruda (Arruda *et al.*, 2004: 5-11).

leilão como “Manuscrito [Livro de Orações]. S.l., s.d.” e constituía o lote 532 da primeira parte do leilão, que teve lugar entre os dias 5 e 7 de Maio de 2009, tendo sido arrematado na sua terceira sessão, que correspondeu ao último destes dias.

A sua aquisição e o seu regresso a Salzedas constituem mais uma estória na história do manuscrito. O P.<sup>o</sup> António José Ferreira Seixeira, à época pároco de Salzedas, terá sido informado de que um manuscrito “da livraria da Salzedas” estaria para ser leiloado, e de imediato desenvolveu esforços para o adquirir. Para tal, solicitou um apoio financeiro à Câmara Municipal de Tarouca, que disponibilizou a verba de 9000 euros para a compra do referido códice, e, no dia 7 de Maio de 2009, deslocou-se à sede da leiloeira *Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades*, S.A., em Lisboa, com o intuito de o arrematar<sup>2</sup>. De acordo com o referido pároco, o leilão do manuscrito atingiu valores superiores aos esperados, tendo sido adquirido por um comprador anónimo, pela quantia de 14750 euros. Sensibilizado pelo interesse do pároco e dos paroquianos de Salzedas em recuperar o manuscrito, o referido comprador acabou por o ceder à paróquia de Salzedas, por 9000 euros (a soma disponibilizada pela Câmara Municipal de Tarouca), prescindido do restante valor<sup>3</sup>. O regresso do manuscrito a Salzedas deveu-se, assim, ao esforço comum do anterior pároco, da Câmara Municipal de Tarouca – que disponibilizou 9000 euros para a sua aquisição<sup>4</sup> – e da pessoa que o arrematou em leilão e que dele prescindiu por um valor inferior ao da compra, tendo expressamente solicitado o anonimato.

Trazido o manuscrito para Salzedas, foi apresentado aos paroquianos e, mais tarde, após o falecimento do referido pároco, foram esses mesmos paroquianos que alertaram o seu sucessor, o P.<sup>o</sup> Adriano Filipe Assis, para a existência do referido códice na residência paroquial, que o encontrou, que o conserva cuidadosamente – encontrando-se o manuscrito em bom estado de conservação – e que no-lo disponibilizou para que pudesse ser estudado e divulgado.

## 2. INTERESSE LITÚRGICO DO MANUSCRITO E SUA RELAÇÃO COM O MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

O manuscrito, que pensamos datar dos finais do séc. XV ou dos inícios da centúria seguinte (assunto a que voltaremos adiante)<sup>5</sup>, possui uma encadernação

<sup>2</sup> Do que se passou no leilão deu conta ao Presidente da Câmara o referido pároco, por ofício datado de 12-05-2009 e que deu entrada nos serviços do Município de Tarouca em 14-05-2009, ficando registado sob o n.º 2840.

<sup>3</sup> BARREIRA & RÊPAS, 2016: 28 e 29.

<sup>4</sup> A Câmara Municipal de Tarouca despachou a questão na reunião de 18-05-2009, tendo aquele valor sido mobilizado no dia seguinte.

<sup>5</sup> A questão da sua datação encontra-se desenvolvida no artigo de RÊPAS & BARREIRA, 2016: 211-236.

com pastas de papelão, cobertas de pele castanha, com decoração a dourado na lombada, datável dos finais do séc. XVI ou do séc. XVII. Mede 155x213 mm e é constituído, actualmente, por 76 fólhos. Na sua génese, encontrava-se organizado em nove quaternos, tendo depois recebido duas adições. O texto está disposto numa só coluna, com doze linhas. Só apresenta foliação da época: letras maiúsculas seguidas de números romanos, a designar os primeiros quatro fólhos de cada caderno (AI ao AIIII e assim, sucessivamente, até ao caderno I). As adições não apresentam qualquer foliação.

No que diz respeito ao seu conteúdo litúrgico, que já tivemos oportunidade de analisar em detalhe noutra local<sup>6</sup>, o manuscrito apresenta os seguintes rituais:

- Oração Universal *in coena domini* (fl. 1v ao fl. 3v) [adição];
- *Ordo benedicendi monachum professum*, ou profissão dos monges (fl. 4 ao fl. 13v);
- *Benedictione monialium*, ou bênção das recém-professas (fl. 14 ao fl. 17v) [adição];
- Bênção das vestes sacerdotais (fl. 18 ao fl. 24v);
- *Ordo ad inungendum infirmum*, ou sacramento da unção dos doentes, com a respectiva ladainha (fl. 25 ao fl. 39v);
- *Ordo ad inhumandum fratrem mortuum*, ou ritual dos defuntos (fl. 40 ao fl. 69);
- *Collecte pro defunctos*, ou procissão no aniversário dos defuntos (fl. 69v ao fl. 76v).

Desconhecem-se outros códices da livraria de Alcobaça, anteriores ou coevos deste manuscrito, com o mesmo conteúdo. Da investigação realizada sobre Alcobaça, o que podemos dizer, até agora, é que, nos períodos anteriores, os diferentes rituais que constituem este códice estavam distribuídos por vários manuscritos litúrgicos.

Uma das primeiras dificuldades sentidas ao trabalhar o manuscrito foi a de encontrar uma designação para o mesmo, a partir do estudo do seu conteúdo litúrgico, uma vez que a indicação de *Livro de Orações*, apontada pela leiloeira, não nos parece adequada. Para tal, foi muito útil consultar os trabalhos de Mario Righetti<sup>7</sup> e Isaías da Rosa Pereira<sup>8</sup>: tomando por base os referidos autores, entendemos que o termo *Ritual* é aquele que corresponde às diferentes cerimónias que atualmente constituem o manuscrito (bênçãos, administração de sacramentos, neste caso, da extrema unção, exéquias dos defuntos e uma procissão). Assim, este manuscrito será mencionado, de agora em diante, como *Ritual de Salzedas*.

<sup>6</sup> RÊPAS & BARREIRA, 2016: 212 e 213.

<sup>7</sup> RIGHETTI, 1955: 319 e seguintes.

<sup>8</sup> PEREIRA, 1996: 133-161 e PEREIRA, 1997: 247-272.

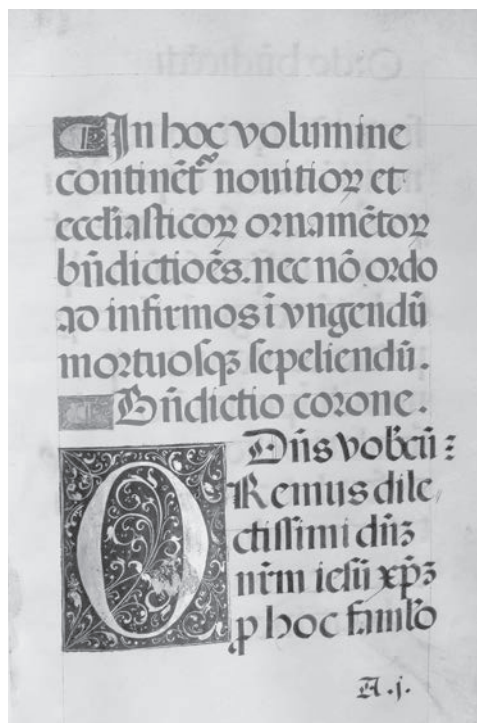


Fig. 3.  
Fólio 4 (A I), sumário do conteúdo do manuscrito (*Ritual*, de finais do séc. XV/inícios do séc. XVI, Paróquia de Salzedas).  
Fotografia de Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas

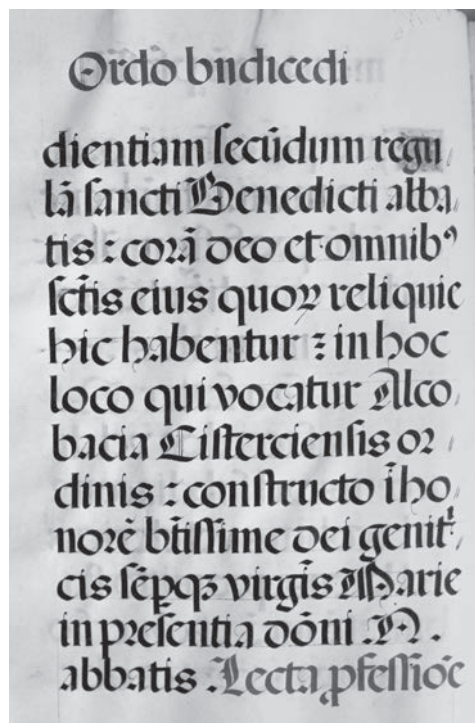


Fig. 4.  
Fólio 6v (A IIIv), ritual da profissão dos monges (*Ritual*, de finais do séc. XV/inícios do séc. XVI, Paróquia de Salzedas).  
Fotografia de Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas

O núcleo do manuscrito tem início com um sumário do conteúdo litúrgico do códice (fl. 4), e surge assinalado com a maior inicial iluminada de todo o manuscrito (Fig. 3). Merece-nos uma maior atenção o *Ordo* relativo à profissão dos monges, onde se refere que é extensível às monjas: *Incipit officium ordinis ad monachum benedicendum professum. Hic ordo extenditur etiam ad moniales* – fl. 6 (A III). É também este *Ordo* que nos dá uma indicação muito concreta do destinatário do manuscrito, ao mencionar o local onde ocorria o voto: *Obedientiam secundum regulam Sancti Benedicti abbatis et coram Deo et omnibus sanctis eius quorum reliquie hic habentur in hoc loco qui vocatur Alcobacia Cisterciensis ordinis et constructo in honorem beatissime Dei genitricis semperque virginis Marie in presentia domni N. abbatis* – fl. 6v (A IIIv) (Fig. 4). Na livraria de Alcobaça, conhecemos um manuscrito que tem este *Ordo*, incompleto: surge no Missal Alc. 26, datado do primeiro quartel do séc. XIV, sob a forma de uma adição (entre os fólhos 2v e 4v), datável de

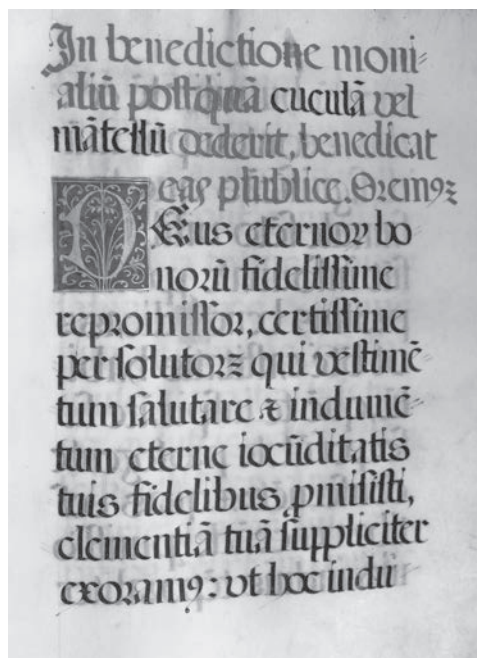


Fig. 5.  
Fólio 14, adição relativa à bênção das recém-professas (*Ritual*, de finais do séc. XV/inícios do séc. XVI, Paróquia de Salzedas).  
Fotografia de Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Répas

finais do séc. XV ou de inícios da centúria seguinte (ou seja, contemporânea deste manuscrito). Na adição a este Missal, não se designa o mosteiro a que o texto se destina, ou seja, em vez das palavras *in hoc loco qui vocatur Alcobacia cisterciensis ordinis*, no Alc. 26 menciona-se apenas *in hoc loco qui vocatur ille*. Este *Ordo* aparece ainda num outro manuscrito de Alcobça, posterior ao *Ritual*, o Alc. 106, um *Caeremoniale monasticum* do séc. XVII, que contém os seguintes rituais: consagração das virgens, recepção dos noviços, bênção das virgens e profissão dos monges (tal como no Alc. 26, não aparece designado o local a que se destina). Neste manuscrito (Alc. 106), os textos da profissão dos monges e das monjas aparecem individualizados, o que não deixa de ser interessante: o ritual das monjas professoras tem início no fl. 14 («Segue-se a ordem que se há-de ter quando benzerem as monjas professoras da nossa ordem de Cister»).

Voltando ao *Ritual de Salzedas*, a seguir à profissão dos monges, surge um caderno de quatro fólhos (fls. 14-17), adicionado ao núcleo do manuscrito, que tem a bênção das recém-professas (ou *Benedictione monialium*) e que diz respeito à entrega e bênção de símbolos: a cogula (*cuculam*), o manto (*mantellum*) e o véu (*velaminis*) (Fig. 5). Estas orações são uma parte do ritual de profissão monástica das religiosas, um ritual mais longo que nos aparece testemunhado, de forma completa, no já referido Alc. 106.

Ou seja, quando o *Ritual de Salzedas* foi elaborado, já se previa que pudesse vir a ser utilizado em casas femininas cistercienses e a realização posterior da adição, específica para as monjas – a entrega e bênção da cogula, do manto e do véu –, confirma o uso do *Ritual de Salzedas* num contexto feminino.

Esta informação deve ser articulada com uma outra, transmitida por outro manuscrito saído do *scriptorium* de Alcobça, entre 1461 e 1475, o Alc. 459<sup>9</sup>: este

<sup>9</sup> BARREIRA, 2014: 181 e BARREIRA, 2015b: 123-124.

Missal festivo tem uma adição que não se deve afastar muito da data da realização do núcleo do manuscrito – a missa da consagração das virgens –, a qual fora já assinalada por Horácio Peixeiro<sup>10</sup>. Esta missa deve ser entendida no contexto da profissão monástica. A leitura escolhida proveio do Evangelho de Mateus 25, 1-13, um texto conhecido como a Parábola das dez Virgens, em que cinco estão preparadas para a vinda do noivo, enquanto as outras não, uma leitura com um valor simbólico significativo, intimamente ligada aos espaços femininos<sup>11</sup>.

Mas o que interessa reter é que o *scriptorium* do Mosteiro de Alcobaça produziu dois manuscritos, não muito distantes cronologicamente, ambos com adições que se destinavam a comunidades femininas. A inclusão, no *Ritual de Salzedas*, do caderno que contém o ritual de entrega dos símbolos monásticos às recém-professas, o qual foi inserido junto ao ritual da profissão monástica, parece reforçar a ideia da utilização de manuscritos da livreria de Alcobaça em contextos femininos (sugerida, igualmente, pela missa da consagração das virgens que consta no Missal Alc. 459). O *Ritual de Salzedas* também exibe pequenas notas interlineares, com a flexão no género feminino de algumas palavras, a vermelho, no sacramento da unção dos enfermos e no *Ordo ad inhumandum fratrem mortuum*: por exemplo, *famulum/ancilam, tuum/tuam* ou *correctum/correctam*.

Assim, um conjunto de circunstâncias sugere que o *Ritual de Salzedas*, que fora produzido para ser utilizado em Alcobaça, possa, entretanto, ter sido aí intervenção de forma a ser reutilizado noutra contexto, porventura no mosteiro feminino de Sta. Maria de Cós, hipótese já avançada noutra local<sup>12</sup>: desde logo, o Mosteiro de Cós localizava-se a apenas 8 km do Mosteiro de Alcobaça, inserindo-se no seu couto, e encontrava-se na dependência institucional e económica do abade de Alcobaça; para além disso, no séc. XV, de acordo com o *Regimento dos Sacristães*, redigido no abaciado de D. Estevão de Aguiar, as freiras de Cós eram sepultadas no cemitério do Mosteiro de Alcobaça<sup>13</sup>; note-se, ainda, que a adição da missa da consagração das virgens ao Missal Alc. 459 confirma que os monges alcobacenses estavam, por esta altura, a adaptar os seus manuscritos às exigências inerentes à assistência prestada às suas irmãs cistercienses; e, por fim, na primeira metade do séc. XVI, os comendatários do Mosteiro de Alcobaça (D. Jorge de Mello e os Cardeais D. Afonso e D. Henrique) empreenderam uma profunda reforma no Mosteiro de Cós, que passou pela fixação de um número máximo de monjas, pela sua dotação material (através da consignação de determinados rendimentos para

<sup>10</sup> PEIXEIRO, 1986: 387-406; —, 1999: 322.

<sup>11</sup> Sobre a forma como este texto foi usado pela comunidade feminina cisterciense de Valbona, veja-se HERDER, 2009: 171-196.

<sup>12</sup> RÊPAS & BARREIRA, 2016: 227 e 228.

<sup>13</sup> GOMES, 2007: 32.

o sustento das monjas e para o culto divino) e pela construção de novos edifícios monásticos<sup>14</sup>. As monjas, «privadas de celebrar a Eucaristia, garantir a confissão, os últimos sacramentos e os funerais, (...) tinham forçosamente de acautelar a existência de clérigos que lhes assegurassem a administração dos sacramentos e demais actos da vida espiritual»<sup>15</sup>. É, pois, possível que o *Ritual de Salzedas* tenha recebido a adição do referido caderno para ser usado em Cós, ainda na primeira metade do séc. XVI, em função da ligação institucional entre as duas comunidades e das reformas aí implementadas.

### 3. PERCURSO DO MANUSCRITO ATÉ SALZEDAS

Nas *Visitações a Mosteiros Cistercienses*, publicadas por Saul Gomes, um documento de 1519, que é um traslado do inventário da sacristia do Mosteiro de Alcobaça, de 1510, menciona os livros que estavam guardados na sacristia, maioritariamente de uso litúrgico, e refere um “lyvro de encomendar”<sup>16</sup>. Será este manuscrito? Inclino-nos a pensar que sim, porque esta era uma designação muito comum para os livros que continham os dois *ordines*, o do sacramento da unção dos enfermos e o das exéquias dos defuntos<sup>17</sup>, dois rituais que, em âmbito cisterciense, nomeadamente nos manuscritos de Alcobaça, nos aparecem sempre juntos<sup>18</sup> e que, neste manuscrito, são os mais longos, ocupando mais de metade do texto.

Embora não tenhamos a certeza de como apareceria designado nos inventários seiscentistas e setecentistas – porque, à excepção do *Index* de Fr. Francisco de Sá (e também do *Commentariorum*), não se pormenoriza o tipo de manuscrito litúrgico<sup>19</sup> –, parece-nos que o *Ritual de Salzedas* não surge mencionado no inventário de 1656<sup>20</sup>, nem nos inventários posteriores<sup>21</sup>. Para além disso, este manuscrito, ao contrário de todos os outros de Alcobaça, não exhibe o carimbo da livraria. Este carimbo, que era apostado não só nas folhas de guarda, em papel, mas também nos

<sup>14</sup> SOUSA & GOMES, 1998.

<sup>15</sup> RÊPAS, 2003: 58.

<sup>16</sup> GOMES, 1998: 69.

<sup>17</sup> Na sacristia do Mosteiro de Seiça existia «Huum quaderno de emcomendar finados» (MARQUES, 2008: 269).

<sup>18</sup> Alc. 29; Alc. 54; Alc. 66, Alc. 67, Alc. 165 e Alc. 166.

<sup>19</sup> No *Index* de Fr. Manuel da Rocha, os manuscritos litúrgicos surgem assim designados: «Missaes, Breviarios, Psaltérios e outros livros semelhantes, escritos em pergaminho, e antigos – volumes – 50» (ROCHA, 1723: fl. 58v).

<sup>20</sup> ARAÚJO, 1656.

<sup>21</sup> Para pouparmos o leitor a uma lista extensa, sugerimos a consulta da recente edição de GIURGEVIC & LEITÃO, 2016; ROCHA, 1723: 48 e seguintes; SÁ, 1775; BOAVENTURA, 1827.



primeiros fólios dos manuscritos, deve ter sido usado no séc. XVIII, no âmbito da realização de um dos inventários<sup>22</sup>.

Assim, ao que tudo indica, o *Ritual de Salzedas* deverá ter saído de Alcobça antes de 1656, ainda que desconheçamos a data em que passou a fazer parte da livraria do Mosteiro de Salzedas. De resto, chegado aí, não será de descurar a hipótese de ter servido a comunidade de monjas cistercienses de S. João de Vale Madeiro, fundada em 1530. A proximidade geográfica entre estas abadias justificaria que fossem os religiosos de Salzedas a dar o necessário acompanhamento espiritual à jovem comunidade de Vale Madeiro (que subsistiu apenas durante 30 anos), como faziam, aliás, com a mais antiga comunidade de Arouca<sup>23</sup>. A abadia de Salzedas, em 1533, albergava uma comunidade composta por 23 professos e 8 noviços, o que permitia que nela se recrutassem alguns dos confessores das monjas cistercienses dos mosteiros vizinhos. A favor desta hipótese concorrem a cronologia do manuscrito e o facto deste se ter conservado na livraria de Salzedas.

A circulação de manuscritos entre abadias cistercienses, em Portugal<sup>24</sup>, com origem em Alcobça, nos finais do séc. XV, está atestada por dois manuscritos:

– O primeiro é o Alc. 54, um *Breviário de Inverno* feito no *scriptorium* de Alcobça, na primeira metade do séc. XIV, com duas adições dos finais do séc. XV<sup>25</sup>. Este manuscrito contém, entre os fólios 339v e 340r, um pequeno texto redigido em 9 de Setembro de 1491, pelo monge alcobacense Fr. Francisco da Costa, em que o mesmo reconhece que este breviário lhe fora dado por Fr. Isidoro de Portalegre, que dirigiu Alcobça entre 1488 e 1493, e que, naquela data, o manuscrito se encontrava consigo na abadia de S. Paulo (de Almaziva), próximo da cidade de Coimbra. Ou seja, de acordo com este testemunho, Fr. Francisco da Costa possuía o breviário de forma vitalícia, tendo-o recebido do abade de Alcobça entre 1488 e Novembro de 1490, antes de ir para S. Paulo de Almaziva (a 4 de Novembro). Um ano depois, lembra, registando no manuscrito, que, à sua morte, este deveria ser devolvido à abadia de Alcobça. Desconhecemos a data em que isso aconteceu, mas sabemos que esse manuscrito já se encontrava na abadia em 1775, quando Joaquim Francisco de Sá redigiu o *Index*, e que exhibe o carimbo da livraria de Alcobça.

---

<sup>22</sup> Sousa Viterbo interroga-se sobre a possibilidade de o autor do *Index* de 1775 ter sido também o responsável pelas folhas de papel que contém a autoria e a descrição da obra (VITERBO, 1916: 408). Sobre este assunto, veja-se também NASCIMENTO, 2012, nota da pág. 293.

<sup>23</sup> RÊPAS, 2003: 59 e seguintes.

<sup>24</sup> A circulação de manuscritos está também documentada no Inventário de Seiça de 1408: «Item huum bõo breviário novo o qual leva o abade de Boiro emprestado» (MARQUES, 2008: 272).

<sup>25</sup> BARREIRA *et al.*, 2016: 260 e 261.

– Outro manuscrito que circulou entre abadias, neste caso de Alcobaça para Seiça, foi o *Ordinário do Ofício Divino* Alc. 62, datado de 1475<sup>26</sup>, tendo o seu local de origem e a disputa pela sua posse ficado testemunhados nos seus fólhos. Terá sido levado para Seiça (talvez por empréstimo), porque esta abadia não tinha nenhum Ordinário? É uma hipótese em aberto, tanto mais que, em 1532, Seiça tinha onze monges de Alcobaça «que para ali tinham sido enviados no início da reforma da sua abadia»<sup>27</sup>. Terão, nessa altura, levado este códice, cuja pertença depois Seiça reclama ao longo dos seus fólhos? E quando é que foi devolvido a Alcobaça? Não o sabemos, mas, tal como o anterior, também este manuscrito tem o carimbo de Alcobaça e já se encontrava de novo nesta abadia em 1775, quando Joaquim Francisco de Sá redigiu o *Index*.

Note-se, por fim, como o percurso dos manuscritos reflete também a história das pessoas e das instituições que os utilizaram. O *Ritual de Salzedas*, em particular, foi produzido para ser usado em Alcobaça e depois intervencionado em função de um contexto feminino, acabando por integrar a livraria do Mosteiro de Salzedas, de onde poderá ter saído aquando da desamortização dos bens da Igreja. Depois de passar pelas mãos de particulares, que o valorizaram e conservaram, regressou, em 2009, à paróquia de Salzedas.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Fr. António de (1656) – *Index e summario dos livros que contem esta livraria de Alcobaça com o Epitome e declaração de todas as Tarjas, Emblemas, e quadros, de que está ornada, a qual livraria foi ampliada e renovada pelo grande zelo do nosso reverendíssimo Padre Frei Manuel de Moraes abade geral deste real convento...* Disponível em <<http://purl.pt/27198/3/>>. [Consulta realizada em 22/07/2016].
- ARRUDA, Luísa D'Orey et al., (2004) – *António Capucho – Retrato do Homem Através da Coleção. Cerâmica Portuguesa do século XVI ao século XX*. Porto: Civilização Editora.
- BARREIRA, Catarina Fernandes (2014) – *A iluminura portuguesa no século XV e o missal alcobacense 459*. In AFONSO, Luís U.; PINTO, Paulo M., org. – *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL, p. 161-190.
- (2015a) – *Ficha de catálogo do nº 8 – Ordinário do Ofício Divino da Ordem de Cister e Ars Manualis Alc. 62*. In AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide, coord. – *O livro e a Iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: BNP, p. 125-126.

<sup>26</sup> BARREIRA, 2015a: 125, 126; BARREIRA, 2015c.

<sup>27</sup> SOUSA, 2005: 111; MARQUES, 2008: 327.

- (2015b) – *Ficha de catálogo nº 7 – Missal Festivo (cisterciense) Alc. 459*. In AFONSO, Luís U.; MIRANDA, Adelaide, coord. – *O livro e a Iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: BNP, p. 123-124.
- (2015c) – *Questões em torno dos Ordinários do Ofício Divino de Alcobaca*. In FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Lisboa: SNBCI, 2015, p. 131-152.
- BARREIRA, Catarina Fernandes; RÊPAS, Luís Miguel (2016) – *Um Ritual de Alcobaca em Salzedas*. «Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja» nº 12. Lisboa: SNBCI, p. 28-35.
- BARREIRA, Catarina Fernandes et al., (2016) – *Through the eyes of Science and Art: a fourteenth century winter Breviary from Alcobaca scriptorium*. «Journal of Medieval Iberian Studies. Looking Ahead: New Approaches to Medieval Iberian Heritage», Routledge. DOI: 10.1080/17546559.2016.1221119 p. 252 - 282.
- BOAVENTURA, Fr. Fortunato de São (1827) – *Commentariorum de Alcobacensi mstorum. bibliotheca libri tres in quibus haud pauca ad rem litterariam illustrandam, ac fortassis augendam facientia, hucusque abdita, reserantur*. Conimbricæ: ex Typographia Academico-Regia.
- GIURGEVIC, Luana; LEITÃO, Henrique (2016) – *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e Inventários de Livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Lisboa: SNBCI.
- GOMES, Saul (1998) – *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*. Lisboa: IPPAR.
- (2007) – *Uma paisagem para a oração: o Mosteiro de Alcobaca em Quatrocentos*. In *Paisagens Rurais e Urbanas – Fontes, Metodologias, Problemáticas. Actas das Terceiras Jornadas*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, p. 19-56.
- HERDER, Michelle (2009) – *Liturgy and the spiritual experience of religious women at Santa Maria de Vallbona, Catalonia*. «Viator» 40, nº. 2, p. 171-196.
- MARQUES, Maria Alegria (2008) – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Coimbra: Colibri e FLUC.
- NASCIMENTO, Aires do (2012) – *Percurso do Livro na História da Cultura Portuguesa Medieval. In Ler contra o tempo. Condições dos Textos na Cultura Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.
- PEIXEIRO, Horácio (1986) – *Missais iluminados dos séculos XIV-XV: contribuição para o estudo da iluminura em Portugal*. Lisboa: FCSH/UNL. Tese de Mestrado.
- (1999) – *A Iluminura portuguesa nos séculos XIV e XV*. In MIRANDA, Adelaide, coord. – *A Iluminura em Portugal – Identidade e Influências*. Lisboa: BNP, p. 322-323.
- PEREIRA, Isaiás da Rosa (1996) – *Dos livros e dos seus nomes. Bibliotecas litúrgicas medievais*. «SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita», nº 3, Universidad de Alcalá de Henares, p. 133-161.
- (1997) – *Dos livros e dos seus nomes. Bibliotecas litúrgicas medievais*. «SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita», nº 4, Universidad de Alcalá de Henares, p. 247-272.
- RÊPAS, Luís Miguel (2003) – *Quando a Nobreza Traja de Branco. A comunidade Cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*. Leiria: Magno Edições.
- RÊPAS, Luís Miguel; BARREIRA, Catarina Fernandes (2016) – *Place and Liturgy in an Illuminated Ritual from Santa Maria de Alcobaca*. In FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Lisboa: SNBCI, 2016, p. 211-236.
- RIGHETTI, Mario (1955) – *Historia da Liturgia*. Madrid: La Editorial Católica.

- ROCHA, Fr. Manuel da (1723) – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça*. Cod. 913//13, BNP. Disponível em <[http://purl.pt/22671/3/cod-913/cod-913\\_item3/index.html](http://purl.pt/22671/3/cod-913/cod-913_item3/index.html)>. [Consulta realizada em 11/07/2016].
- SÁ, Fr. Francisco de (1775) – *Index codicum Bibliothecae Alcobatiae, in quo non tantum códices recensentur, sed etiam quot tractatus, epistolas, &c. singuli codices contineant, exponitur, aliaque animadvertuntur notatu digna*. Olisipone: Typographia Regia.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, dir. (2005) – *Ordens Religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia histórico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SOUSA, Cristina Maria A. P.; GOMES, Saul (1998) – *Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de S.<sup>ta</sup> Maria de Cós (Alcobaça)*. Leiria: Edições Magno.
- VITERBO, Sousa (1916) – *Calígrafos e iluminadores portugueses: ensaio histórico-bibliográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.